

29/11/2007

## REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DAS AFRICANIDADES NO BRASIL

### ESTRATÉGIAS DAS IMAGENS: FÓRUM DE ENCERRAMENTO

Esta última sala **Estratégias das imagens: fórum de encerramento** pretende, a partir do grande encontro de pensamentos que temos tido aqui, registrar os resultados obtidos durante os debates realizados desde segunda-feira, 26/11, e construir coletivamente encaminhamentos para as questões tratadas.

Um foco importante do debate de hoje é a **Educação**. A proposta é traçarmos um plano para a aplicação da Lei nº 10.639/2003, que determina a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares, entendendo a imagem como elemento central para as ações que envolvem a aplicação da lei.

Participam desta sala, com a mediação de Denise Camargo e Ana Maria Schultze e a moderação de Márcia Borges e Itamar Alves, os seguintes debatedores:

Márcio André dos Santos (IUPERJ); Francisco das Chagas Silva (Fundação Iaripuna); Jorge Álvarez Pupo (fotógrafo cubano que trabalha com a questão da ancestralidade, por meio da linguagem corporal); Elza Lima (fotógrafa paraense que ganhou, em 1996, a bolsa Marc Ferrez (FUNARTE) com o tema *Rota d'água, viagem pelo Rio Trombetas*, registrando os quilombos da região); Carlos Subuhana (pesquisador da Casa das Áfricas, em São Paulo-SP); Lêda Guimarães (UFG) e Ivaina Oliveira (UFG).

REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DAS AFRICANIDADES NO BRASIL é apoiado pelo Programa Cultura e Pensamento - um conjunto de ações que incentivam o debate crítico. O seu propósito é ampliar os fóruns de reflexão e diálogo em torno de temas relevantes da agenda contemporânea. Uma iniciativa do MinC, com o patrocínio da Petrobras, por meio da Lei Federal de Incentivo. É coordenado pela Fundação de Apoio à Pesquisa e à Extensão (FAPEX) e co-realizado pelo Ministério da Educação (MEC), pela Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), pelo Serviço Social do Comércio de

São Paulo (Sesc-SP) e pela TVE-Bahia. Conheça as demais ações e acervo do Cultura e Pensamento no portal [www.cultura.gov.br/culturaepensamento](http://www.cultura.gov.br/culturaepensamento).

**Ana Maria Schultze:** O professor Fernando de Tacca [na sala de público], comunica: a equipe da Revista *Studium* deseja a todos participantes um bom debate e parabeniza as autoras do projeto, Denise Camargo e Ana Maria Schultze.

**Marcio André:** Mais uma vez agradeço o convite e desejo boa noite e bom debate a todos. Historicamente é uma ótima oportunidade para debater tais temas.

**Denise Camargo:** Temos na galeria de hoje imagens de Elza Lima. Para acessar, clique em galerias.

**Lêda Guimarães:** Que belas imagens Elza, gostaria de saber um pouco a seu respeito, onde e como atua?

**Denise Camargo:** Um foco importante do debate de hoje é a Educação. A proposta é traçarmos um plano para a aplicação da Lei nº 10.639/2003, que determina a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares, entendendo a imagem como elemento central para as ações que envolvem a aplicação da lei. O debate propõe pensar a imagem fotográfica como produtora de conhecimento. Isto é, capaz de resgatar, promover e preservar os vínculos e a manutenção das ancestralidades formadoras da identidade brasileira.

**Ana Maria Schultze:** Ana Maria Schultze, arte-educadora, professora no ensino fundamental há 14 anos, mestre em artes, pesquisadora em fotografia e educação. Sou editora-associada neste projeto e gostaria de debater como tratarmos da lei na escola.

**Carlos Subuhana:** Boa noite! Meus sinceros agradecimentos pelo convite. Carlos Subuhana, de nacionalidade moçambicana, concluiu o curso de graduação em Ciências Sociais no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1997. Obteve o grau de Mestre em Sociologia, com concentração em Antropologia, na mesma instituição. Seu doutorado foi realizado no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFRJ, sob orientação de uma antropóloga. A tese de doutorado versou sobre um grupo de estudantes moçambicanos no Rio de Janeiro que realizam sua formação acadêmica em

universidades fluminenses. Transferiu-se para São Paulo com a finalidade de completar sua formação num estágio de pós-doutoramento em Antropologia na Universidade de São Paulo (USP), sob a tutoria do Prof. Dr. Kabengele Munanga, e é pesquisador da Casa das Áfricas (SP). O atual projeto de pesquisa tem como tema de investigação a experiência sócio-cultural de universitários oriundos de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) em São Paulo.

**Marcio dos Santos:** Sou mestre em Ciências Sociais pela UERJ e doutorando em Ciência Política no IUPERJ. Foi coordenador de projetos do Centro Estatístico e Religioso de Investigação Social - CERIS. Em 2006, trabalhou no projeto de capacitação de professores sobre a lei 10.639/03 denominado "A Cor da Cultura", do Canal Futura/Fundação Roberto Marinho. Tem experiência como consultor do Ministério da Educação com os Projetos Inovadores de Curso, vinculados ao Programa Diversidade na Universidade voltados à inclusão no ensino superior de grupos historicamente desprivilegiados. Organizou seminário sobre políticas de ação afirmativa e de inclusão social (BNDES) e produziu seminário internacional sobre a crise ética nos meios de comunicação (ECO/UFRJ). É co-coordenador de um grupo de educadores que ministra curso de extensão intitulado "Áfricas e Africanidades Brasileiras" voltado à capacitação de profissionais de educação para a implementação da Lei 10.639/03, ligado ao LEEDES/UERJ. Atualmente realiza pesquisa sobre políticas de ação afirmativa nas universidades públicas brasileiras no Núcleo Interdisciplinar de Reflexão e Memória Afro-descendente – NIREMA da PUC-RJ.

**Denise Camargo:** Caroline Vieira Sant'Anna, também debatedora nos dias anteriores, assídua nos nossos debates, presente no público. Luana de Medeiros, presente no público, boa noite. Obrigada por sua presença e por suas belas palavras ao final do debate de ontem. Sandra Koutsoukos, na sala de público. Obrigada por sua presença e pelo seu belo texto que está nesta edição. Boa noite!

**Elza Lima:** Sou Elza Lima, formada em História e fotógrafa profissional desde 1985. Há 20 anos documento a região do Baixo Amazonas, no Estado do Pará. Em 1996, ganhei o XI Prêmio Marc Ferrez de Fotografia para desenvolver o projeto fotográfico "Trombetas: na rota das águas". Em 2000, com a ajuda da Bolsa Vitae, refiz a rota da cartógrafa Otille Coudreau, no rio Cuminá, na região oeste do Pará, que foi a primeira fotógrafa a documentar a região amazônica. Trabalho desde 1985 na Secretaria de

Cultura do Pará criando um acervo de imagens das manifestações culturais da região. Participei de duas publicações: o livro "Brasil Bom de Bola" e "Brasil sem Fronteiras".

**Lêda Guimarães:** Sou professora da Universidade Federal de Goiás, da Faculdade de Artes Visuais. Pesquiso visualidades populares trazendo as questões multiculturais para problematizar as relações pedagógicas no ensino de artes visuais.

**Lêda Guimarães:** Obrigada Ana, também atuo no Mestrado de Cultura Visual e oriento a Ivaina que está pesquisando a lei 10.639, é o primeiro trabalho em torno desse tema no mestrado e na Faculdade.

**Denise Camargo:** No público também, os alunos de Midialogia da Unicamp.

**Ana Maria Schultze:** Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, no estudo Textos e Contextos do Movimento Negro - contribuições para introdução de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas (link a ser disponibilizado na seção de links da revista Studium) afirma que "formar cidadãos exige que se analise e avalie a organização social vigente, assim como os resultados a que tem levado, a fim de propor formas de reeducação das relações sociais em geral e das étnico-raciais em particular, citando Silva, 1998." Ainda lembrando Petronilha, retomo: Para isto, a sociedade precisa superar distorções nascidas de preconceitos contra o negro, e isto pressupõe uma abertura para a compreensão de questões apontadas por Deveau (1998, p. 514-15): "Como se adaptaram os africanos escravizados ao universo dos brancos? Que cultura subterrânea lhes permitiu reestruturar sua personalidade e viver em sofrimento permanente, contra a mínima esperança? Qual foi a rentabilidade do seu trabalho?" e ainda, segundo Petronilha: quais tecnologias africanas introduziram para execução das tarefas que exerciam? Não se pode, neste contexto, desconsiderar a responsabilidade das nações envolvidas no sistema que criou o perverso tráfico de escravos. Assim, o papel da escola, de pais, dos próprios alunos e da sociedade em geral é muito sério, na busca de textos e materiais de ensino que tratem destas questões e outras temáticas relativas à cultura e história de africanos e afro-descendentes, em uma visão despida de preconceitos, no ambiente escolar. Então, com tantos pesquisadores para refletir conosco, qual o papel da escola nisto tudo?

**Marcio dos Santos:** Petronilha é, certamente, uma grande intelectual e pensadora negra brasileira. Seus trabalhos e reflexões têm sido de grande valia para o entendimento das relações raciais no Brasil, em especial no âmbito da educação.

**Carlos Subuhana:** O tema de hoje é muito interessante. Ultimamente peguei o gosto de usar imagens em palestras, principalmente em colégios. Acredito que é a maneira mais fácil de fazer chegar a mensagem aos jovens.

**Ana Maria Schultze:** professor Carlos, penso que é a escola que propicia um trabalho de base. O debate de hoje já percorreu toda nossa conversa da semana. Quando discutimos a imagem do negro na publicidade, identidade, afirmação.

**Lêda Guimarães:** Eu pensaria a educação formal e não-formal, em várias formas de escola, em diversos espaços educativos, para indagarmos sobre a importância de discutirmos as relações raciais.

**Ana Maria Schultze:** Como a escola pode então atuar nesta frente? Uma das coisas muito comentadas pelo público esta semana, em mensagens ao projeto foi: afinal, como os professores devem tratar desta questão na escola? O que queremos ensinar sobre a África e as africanidades no Brasil?

**Marcio dos Santos:** Penso que o papel da escola é aproximar universos de sentidos. Dai que a separação ou alteridade radical entre espaço escolar e outros espaços de aprendizado não ter efeitos construtivos, no meu modo de ver. Um bom exemplo disso é a cultura do hip hop e outras culturas urbano-juvenis...

**Denise Camargo:** Ana, Estes aspectos reforçam o debate contemporâneo brasileiro sobre a diversidade étnica e cultural.

**Ana Maria Schultze:** Concordo com Márcio. Espaços formais e não-formais são os campos de atuação da educação, capazes de promover alterações. Me lembra uma de minhas leituras, onde o autor discorria: afinal, o que ensinar sobre a África? O mesmo que se ensina sobre a Europa, por exemplo: costumes, cultura, povos, idiomas etc.

**Lêda Guimarães:** A escola é um espaço muitas vezes tomado como homogêneo e visto sob a ótica do que podemos fazer, de como achamos que podemos atuar, mas que tem um potencial de "subversão" muito grande na cultura juvenil, como é o caso dos grupos de hip hop que ficam à margem do currículo.

**Marcio dos Santos:** Creio que uma das primeiras tarefas é desconstruir a idéia de "história da África". A África tem sido vista como um todo homogêneo, como a contra-

identidade ocidental-européia. Creio que, pedagogicamente, há que se enfatizar as complexidades de uma historiografia sobre as muitas Áfricas.

**Ana Maria Schultze:** uma das questões levantadas pelo público esta semana foi: será que os professores estão preparados para lidar com isto na escola? Isto mesmo, Márcio. Não uma única África, mas toda a complexidade de vários e diferentes grupos culturais. Carlos Subuhana, pensando nas imagens, principalmente as fotográficas, como elas podem auxiliar neste processo?

**Lêda Guimarães:** Concordo com Marcio, além disso temos também que investigar uma produção contemporânea, não achar que arte e cultura "africana" estão no passado...

**Denise Camargo:** Marcio, então, como poderíamos definir, a partir disso, o conceito de africanidade no Brasil. Essa é uma das demandas dos primeiros dias de debate.

**Francisco Chagas:** Ana, aqui em Rondônia no movimento negro há professores, também ativistas, sendo que estamos tendo experiências interessantes apesar de serem ainda poucas, onde a partir da própria lei e com um protagonismo dos movimentos, iniciamos com oficinas práticas com professores do ensino básico.

**Lêda Guimarães:** Ana, por que principalmente as fotográficas? Se a moçada interage de forma quase que contínua com imagens em movimento?

**Ana Maria Schultze:** Ou seja, a oportunidade de protagonismo de crianças e jovens seria uma forma de promover a aplicação da lei nas escolas?

**Marcio dos Santos:** Mais que grupos culturais, civilizações. Isso não significa simplesmente pensar um outro lugar epistêmico em relação aos africanos, mas deslocar o olhar frente a este novo desafio que é reinventar interpretações e leituras de um continente tão cheio de complexidades.

**Francisco Chagas:** É isso aí Marcio e Lêda, além de falar de uma África e de africanos alegres, pra cima, ricos, mostrar que se descortinou essa barreira do tempo e dos espaços imaginários - construídos como mecanismo de colonização, e as artes podem muito bem serem ferramentas dessa desconstrução do colonialismo branco europeu.

**Marcio dos Santos:** Francisco, não estou propondo falar dos africanos de um ponto de vista meramente positivo. Os africanos foram e continuam a ser sujeitos de sua história. Você bem pontua que o colonialismo europeu modificou as estruturas básicas de muitas civilizações africanas. Para pior.

**Denise Camargo: Tadeu Silva** [na sala de público] A escola da Teoria do Capital Humano é incompatível. Sua metafísica/alegoria, que referencia a pedagogia/antropologia é européia, como a LDB. Os materiais devem prevenir esse ranço, mas como, se não mudar o arcabouço onde será inserido o conteúdo. Moacir Gadotti escreveu que a escola, essa que está aí, por exemplo, dissimula o conflito.

**Ana Maria Schultze:** Tadeu, já debati este mesmo ponto de vista com outros professores. Será que precisamos seguir a LDB ou PCNs ao pé da letra? Cabe uma leitura crítica e individualizada em cada escola. E como este legado se manifesta em nós, professor Márcio?

**Marcio dos Santos:** Não tenho uma definição fechada de "africanidades". Creio que o termo ao ser inventado por nós, reinventa-nos. No entanto, uma das marcas desta africanidade é a maneira como os brasileiros de todas as etnias e pertencimentos raciais lidam com o ritmo da vida. Não somos melhores que ninguém, no entanto as marcas civilizatórias dos africanos deixaram-nos um legado diferenciado em relação aos europeus.

**Ana Maria Schultze:** Elza, você gostaria de comentar suas imagens, atrelando com este debate?

**Carlos Subuhana:** Acredito que a imagem ajuda a desmistificar certas idéias que se têm sobre a África. Não basta dizer que África é um continente, com diversidades históricas e culturais. É preciso mostrar, principalmente aos jovens, imagens que retratem essa diversidade.

**Francisco Chagas:** Denise, você tem conhecimento que um dos materiais produzido com dinheiro público para atender a lei 10.639 traz negros caricaturados - com desenhos que os assemelham com aspectos de gorilas, enlaçados uns aos outros como animais, e em tamanho desproporcionalmente menores que os brancos?

**Marcio dos Santos:** Creio que um dos elementos fortes das africanidades no Brasil seja a própria resistência física dos negros. Sobrevivemos a duras penas contra um sem número de mecanismos de genocídio e epistemicídio.

**Denise Camargo:** Carlos Subuhana, entendo a imagem como produtora de conhecimento. Nesse sentido seria fundamental também a produção de imagens que dessem conta disso...

**Elza Lima:** Eu acho que na Amazônia a identidade negra toma uma característica muito particular, ao invés de temente à água, como a maioria africana, eles se tornam donos do rio, criando sua liberdade muito antes da libertação e hoje com os seus questionamentos globalizados esquecem essa particularidade.

**Ana Maria Schultze:** Lindo isto, Elza. Professor Francisco, Elza tem um belo trabalho aí na região. Vocês podem nos contar muito sobre isto.

**Francisco Chagas:** Elza, eu faço parte da Rede Amazônia Negra, com Paulo Axé de Macapá, Domingos da Conceição (negrinho do Pará), Arthur Leandro e muitos outros. É um prazer estar hoje aqui, dialogando contigo. (Professor Chiquinho)

**Denise Camargo:** Contribuição e questão de **Marcelo Ribeiro** [na sala de público]: Denise definiu o objeto das discussões de hoje como sendo "a imagem fotográfica como produtora de conhecimento", complementando: "capaz de resgatar, promover e preservar os vínculos e a manutenção das ancestralidades formadoras da identidade brasileira". Pergunto: a imagem como produtora de conhecimento não implicaria antes um questionamento das noções de "resgate" e "preservação", uma vez que implicam uma teleologia do retorno (um desejo de volta a supostas origens de uma parte do que se supõe ser a brasilidade, para resumir rapidamente) para a constituição da nação? Não seria o caso de desconstruir a nação, a brasilidade? A partir do que discutimos sobre a leitura de imagens, não seria mais adequado pensar a implementação da lei 10639/2003 como algo a ser feito enfatizando o caráter aberto das imagens, a possibilidade de múltiplas leituras, para além de toda teleologia? Ou seja: as representações imagéticas das africanidades podem ser utilizadas para a educação em termos informativos, historiográficos, em um questionamento da brasilidade.

**Ana Maria Schultze:** Marcelo, ótima contribuição. É mesmo complicado pensar em um retorno de algo que não foi claramente construído. Ressalto que, como nos outros

dias, suas reflexões tão densas são um privilégio para este projeto. Agradecemos mais uma vez sua presença.

**Marcio dos Santos:** Concordo com muitos pontos postos por Marcelo Ribeiro. É como se nossa brasileira estivesse aberta, inacabada... Afinal, terminamos o trabalho de construir a nação ou não?

**Ana Maria Schultze:** Isso mesmo. Uma coisa ainda mal-construída, que precisaria fortalecer-se antes. Ivaina, por favor junte-se a nós no debate.

**Ivaina Oliveira:** Olá, sou Ivaina, mestranda em Cultura Visual pela Faculdade de Artes da UFG.

**Carlos Subuhana:** Isso mesmo. Em certos momentos tenho ajudado estudantes, até universitários, que se propõem a usar a imagem para apresentar seus trabalhos. O que noto é que eles querem fotografias que mostrem "tribos". Vejam só a responsabilidade dos educadores.

**Lêda Guimarães:** Carlos, sou piauiense, não sei de que imagens você está falando, mas posso imaginar. Pessoalmente tenho vivido algumas situações do estereótipo do nordestino, ou melhor, de nordestina.

**Ana Maria Schultze:** Lêda, vamos repetir um ótimo ponto proposto por Marcelo no público.

**Ana Maria Schultze:** Lêda, entramos no papel da imagem para ajudar o processo da aplicação da lei na escola.

**Marcio dos Santos:** Gilberto Freyre e os pensadores sociais brasileiros dos anos 30 até 50 ajudaram a formatar essa idéia de "brasilidade mestiça". Nesta utopia as hierarquias raciais permaneceram intocadas, sem questionamento.

**Denise Camargo:** Itamar Alves, moderadora da sala nos diz: Em 1985 (afff... sou velha), num projeto do MEC com as ex-colônias portuguesas, recebemos no Brasil representantes de cinco países da África. O projeto previa trabalhar Mídias (todas) em Educação. Foi uma loucura, pois nós, uma Fundação do MEC, não sabíamos o mínimo possível daquele continente. E pretendíamos colocar circuito interno de TV em Educação... Descobrimos nos sete meses de trabalho contínuo que existiam muitos

outros problemas a serem abordados. Mesmo entre os participantes do curso (dois representantes de cada país que foi colonizado por Portugal), existia o preconceito, a discriminação, a troca de 'brincadeiras' que magoavam e ofendiam, e o desconhecimento de seus usos e costumes. Assim sendo, vejo que não é só no Brasil que temos este 'problema de preconceito', de discriminação. Não por termos pessoas de vários locais. Mas mesmo entre os moradores do continente africano, que foram colonizados pelo mesmo país, existe esta 'classificação' entre 'quem é o melhor'.

**Carlos Subuhana:** Itamar, os mesmos problemas que o vosso grupo de trabalho descobriu em 1985 continuam atuais.

**Lêda Guimarães:** A imagem como produtora de conhecimento pode levar a vários lugares, a de equívocos inclusive, como a questão do resgate e preservação.

**Ana Maria Schultze:** Isto, Lêda, debatíamos que talvez esta identidade brasileira, aberta, múltipla, ainda não esteja muito definida. Como podemos pensar em um resgate se ela sequer foi claramente formulada? **Ernâni Getirana** [na sala de público] nos diz: há esperança, contudo: recentemente no Piauí conseguimos embargar um livro didático cheio de imagens estereotipadas do negro.

**Francisco Chagas:** Ana, a UNIR, da qual um grupo de intelectuais diverge chamando-a de UFRO (o movimento "Madeirista") irá implantar agora ano que vem um curso de Mestrado em Linguística, voltado muito para a arqueologia e sociolinguística, tendo o banto como objeto para explicar fenômenos da Diáspora Africana na Amazônia, e quem coordena é o Jean-Pierre Angent.

**Lêda Guimarães:** Mas, não creio que seja assim, desconstruir a nação... seria talvez uma idéia fixa, única de nação.

**Ana Maria Schultze:** Talvez de definir melhor antes...

**Denise Camargo:** **Ernâni Getirana**, você pode exemplificar, por favor, descrever um pouco essas imagens? Que estereótipos são esses?

**Francisco Chagas:** Márcio! Vamos implodir este edifício durkheimiano?

**Marcio dos Santos:** Concordo Francisco. A questão é: como?

**Ana Maria Schultze:** Questão do professor Fernando de Tacca no público: A imagem e uma Educação para as Mídias ainda não se tornaram um pressuposto pedagógico oficial, e principalmente as imagens das minorias, porque simplesmente não interessa como formação crítica aos meios hegemônicos ou pela razão de que ainda não temos força política (educadores, fotógrafos, pesquisadores da imagem etc.) para colocar uma pauta junto à sociedade. Experiências existem e são localizadas, mas não temos uma estratégia pedagógica ampla nesse sentido.

**Denise Camargo: Tadeu Silva** [na sala de público] diz: Muniz Sodré cunhou o conceito de Síndrome do Vampiro porque o negro não se vê refletido na institucionalidade.

**Marcio dos Santos:** Olá Tadeu, pois é... Os vampiros continuam aí. O Estado tem uma enorme responsabilidade na reversão das imagens depreciadas sobre os negros e seus legados. Ao mesmo tempo, as empresas de mídia privada não têm cumprido com seu papel de reverter tais estereótipos.

**Ana Maria Schultze:** Lêda, o que você me diz dessa educação para as mídias, que questiona Fernando? Eu estou nesta contigo.

**Ivaina Oliveira:** Quanto ao que Denise comentou, quero acrescentar que no uso das imagens nas salas de aula, uma coisa que devemos observar é também o discurso inserido nestas imagens.

**Ana Maria Schultze:** Ivaina, lembrando Kossoy, creio que há vários discursos inseridos: de quem produziu a imagem, de quem a circulou e onde, e ainda o discurso desse leitor final.

**Denise Camargo: Marcelo Ribeiro** [na sala de público] continua: O debate sobre cotas raciais tem servido para explicitar o quanto está dividido por dentro, por tensões internas, o projeto de nação em que uma certa elite política e intelectual vinha investindo suas energias: o mito da democracia racial, a idéia de que no Brasil não haveria preconceito de raça, apenas de caráter econômico etc. Em diversos âmbitos, o que se mostra é uma nação ansiosa tentando apagar suas contradições (vide rebuliços em torno da fala de Otávio Velho na última ANPOCS, quando ele anunciava que “a nação explodiu”). Diante então dos questionamentos e tensões evidenciados (e não

criados, como muitos querem) pela política de cotas raciais e outras políticas afirmativas, qual é o papel da escola?

**Francisco Chagas:** Com africanistas como você, Marcio, e esse grupo que hoje propõe ferramentas e ações libertárias seja na educação, nas artes ou em qualquer outro espaço de construção identitária e formação política.

**Ana Maria Schultze:** Professor Chiquinho, **Fabio Merlim** [na sala de público] gostaria de voltar a uma colocação sua acima: minha pergunta é sobre a fala do Francisco Chagas: ele disse que "[...]um dos materiais produzido com dinheiro público, para atender a lei 10.639, traz negros caricaturados - com desenhos que os assemelham com aspectos de gorilas...". Eu queria saber quando estas imagens foram produzidas, em que ano?

**Francisco Chagas:** Fábio, foi agora em 2007, pode procurar no Mec que a própria capa traz essa imagem que é uma afronta a todos os filhos da diáspora, negros políticos (que se identificam).

**Ana Maria Schultze:** **Fabio Merlim** [na sala de público] acha um absurdo que verbas públicas ainda propiciem que tais imagens preconceituosas sejam publicadas, professor Chiquinho. Estas e outras seriam as imagens que o professor Chiquinho se referiu acima, e inclusive que o grupo conseguiu embargar o lançamento do livro.

**Ivaina Oliveira:** Receio que minha participação não seja como eu esperava, pois estou com problemas no meu computador (vírus). Mas vou tentar retroceder um pouco à fala da Denise quanto ao uso de imagens nas salas de aula. Penso que elas devem ser utilizadas sim, nas salas de aula, mas uma coisa que creio que deva ser observada é o discurso que as acompanha.No sentido de que ele, o discurso, não venha carregado dos estereótipos e de caricaturado, mas que ele ressalte valores e direitos.

**Ana Maria Schultze:** Ivaina, eu acho que temos VÁRIOS discursos envolvidos neste processo.Ou seja, precisa-se de todo um cuidado no uso deste material.

**Ivaina Oliveira:** Exatamente!!!Digo isso porque penso que é nos discursos e através da linguagem que as posições vão sendo definidas e construídas (McLaren, 2000).

Não vejo o problema atrelado somente ao tipo de imagem ou seja, nas representações que ela traz, mas principalmente no discurso que a acompanha, que é trabalhado e que conseqüentemente é assimilado e passa a fazer parte da realidade que aqueles que ouvem, fazem para eles próprio.

**Denise Camargo: Stella Hiroki** [na sala de público]: Acredito que não há um pressuposto pedagógico, pois os trabalhos de cada um dos profissionais envolvidos nesta questão ainda não foram organizados, ou seja, cada um tem seu exercício por um canto, mas as informações não se encontram. E vejo que este debate é bom para que isso aconteça.

**Ana Maria Schultze:** Vamos então retomar um pouco. A escola, seja com imagens ou não, teria um papel fundamental nesta construção de identidades, ou ainda, de identificação de identidades e seu fortalecimento (em linhas bem simples).

**Elza Lima:** Acho que a questão pedagógica passa muito pelo distanciamento da vivência que a faculdade adota hoje, eu, por exemplo, tenho um projeto de documentar a visualidade da Amazônia com auxílio de um cartógrafo, que colocaria como referência geográfica os símbolos visuais da comunidade, para que eles pudessem se reconhecer geograficamente...

**Marcio dos Santos:** Sobre imagens dos negros: no contexto brasileiro temos a necessidade (e, pedagogicamente, a obrigação) de mostrar as potencialidades deste grupo. No entanto, a realidade não traz negros sorrindo sempre, pelo contrário. No contexto africano, os meios de comunicação continuam a mostrar os africanos como semi-modernos, atrasados, atribais. Creio que o desafio seja construir novos materiais pedagógicos que equilibrem estas duas dimensões.

**Ana Maria Schultze:** Perfeito, Márcio.

**Lêda Guimarães:** Francisco... como professora procuro trabalhar com micro-histórias, com o conhecimento cotidiano, da esfera doméstica, dos trabalhos manuais, nas relações comunitárias, na ecologia, enfim, numa série de aspectos que estão sendo revalorizados dentro de perspectivas de um ensino de arte contemporâneo.

**Carlos Subuhana:** Lêda, o ser humano quase sempre procura algo que o diferencie do outro. Nessa relação de poder, poucos é que tiram vantagens.

**Francisco Chagas:** Lêda é de você que o Brasil precisa, pois não dá mais pra se entronizar a macro-história. E outra, além disso quando falamos hoje em macro devemos falar das multidões na História, e, hoje, o movimento negro no Brasil, os quilombolas, as comunidades de terreiros são uma enorme multidão na história.

**Marcio dos Santos:** Francisco, concordo contigo somente se estiver usando a idéia de "multidão" como potência. Pois os movimentos negros sempre se depararam com esta dificuldade, ou seja, a de agregar as massas negras.

**Ana Maria Schultze:** Marcio, o que seria isto especificamente?

**Ana Maria Schultze:** Fred [na sala de público], gostaria de saber dos debatedores o que acham do trabalho realizado pela TV ESCOLA do MEC. Teoricamente os documentários dessa TV atuariam para a formação de uma nova cultura imagética aos jovens. Alcança ela tal objetivo ao transmitir documentários produzidos por pesquisadores ou gente envolvida na educação?

**Lêda Guimarães:** Obrigada Francisco, vejo aqui um grupo de pessoas que os Brasis precisam.

**Ana Maria Schultze:** Isto, Lêda. Penso que esta série de debate só desperta coisas que exigem muitas conversas depois.

**Ana Maria Schultze:** Ivaina, e dos documentários citados por Fred, você acha que o discurso ali envolvido é percebido criticamente pelos jovens? Vamos então ver como respondemos ao Fred, pensando nesta educação para as imagens, como propositora de reflexões. Fred, conheço poucos destes documentários. Primeiro, se eles são dirigidos ao jovem (público final), será que tem uma linguagem adequada?

**Denise Camargo:** Sobre as imagens que Ernâni citou, ele explica: o livro foi comprado de um autor pela secretaria de Educação do Estado e apresentava, dentre outras imagens, a da mulher negra como 'escrava sexual'. A luta dos negros era episódica etc. Houve um abaixo-assinado que foi entregue ao secretário de educação e conseguimos impedir a distribuição do livro na rede escolar. A idéia agora é provocar debates em torno de várias questões pertinentes e abrir um concurso para que pesquisadores possam concorrer democraticamente na feitura de um outro livro.

**Francisco Chagas:** Fred, o material do Programa Cor da Cultura está excelente!

**Denise Camargo: Itamar Alves:** Contribuo com a Fala do Fred e pergunto: será que a TV Escola é feita mesmo para os professores assistirem e terem acesso? Visto que os programas são transmitidos em horário pré-definidos e muitas escolas, mesmo tendo ganhado antena parabólica, perderam-na ou foi roubada.. e as que continuam com tais antenas não conseguem gravar os programas, e as que conseguem um CD/DVD do programa não conseguem um local para transmitir e trabalhar com seus alunos ou com seus pares. Será mesmo que o material é para ser trabalhado?

**Ivaina Oliveira:** Ana, penso que haverá outras formas de divulgação e propagação de imagens que não sejam apenas mídia televisiva e impressa. Para mim, não são os recurso que estão em questão. Nesse sentido penso que haveria resultados sim, porém será preciso observar o discurso que se insere na divulgação dessas imagens do TV escola, ou seja, como elas são tratadas. O discurso ali inserido será percebido sim pelos jovens, porém corre o risco, como qualquer outro, de sofrer outras interpretações, dada a subjetividade de cada um. A realidade que cada um constrói a partir dos discursos que são atrelados às imagens é um reflexo daquela realidade. Nesse sentido, ele nunca será completo, no sentido de que o pesquisador do TV escola consiga atingir ou afetar o aluno por completo. Mas alguns aspectos poderão fazer parte daquela realidade que o aluno irá construir para si.

**Ana Maria Schultze:** Ou seja, Ivaina, o discurso nunca é fechado. Múltiplas leituras são possíveis.

**Ivaina Oliveira:** Ana, todos nós sabemos que a educação há tempos sofre fortemente a influência da grande indústria e corporações. Desta forma elas ditam o tipo de pessoa que eles precisam para as demandas do capitalismo.

**Francisco Chagas:** Lêda, falar em História, qual sua visão de método de história oral, aplicado no ensino, na educação?

**Ana Maria Schultze:** O público questiona por que o MEC ainda publica imagens preconceituosas como esta. Seria falta de especialistas mais críticos? Algum nicho de poder?

**Lêda Guimarães:** Certo, a questão do empoderamento é fundamental, pois do contrário continuaremos a ver pseudo-representações de grupos que supostamente são invisíveis. De séculos e seculares de menosprezo ao que não está nos livros e supostamente é considerado inferior, lenda, folclore etc. Francisco, conheço aqui na UFG um grupo que trabalha com a contação de histórias a partir das fontes orais, "contadores de caso" e outros atores (não estou lembrando o nome), e é uma coisa muito boa na formação de professores, pois desconstrói a hegemonia do conhecimento escrito.

**Denise Camargo: Luana de Medeiros** [na sala de público]: Nossa, a Lêda tocou na oralidade, que é pedra de toque pra trabalhar africanidade. Precisamos legitimar outras fontes e outras formas de elaboração e transmissão do conhecimento pra poder falar de África. Não que tenhamos que criar outros estereótipos - a literatura escrita de África também deve ser referência, e será rico trabalhar a intertextualidade de autores de vários países da África que "conversam" com Manuel Bandeira, Drummond, Guimarães Rosa em seus textos... mas a valorização e validação da oralidade na sala de aula redimensiona todo o contexto de aprendizagem.

**Marcio dos Santos:** Oi Ana, penso que multidão, no sentido que Antonio Negri empresta a construção de Spinoza, faz com que vejamos os movimentos de alguns grupos na história como potencialidades. Os movimentos negros tem lutado bravamente contra as ideologias de legitimação do racismo ou de sua ocultação. Por outro lado, não conseguimos superar a marginalidade que não seja ser vista como meramente culpa da supremacia branca.

**Denise Camargo:** Marcelo Ribeiro [na sala de público]: sobre a idéia de equilibrar positividade e negatividade nas imagens dos negros e africanos: parece-me que a educação deve passar por um questionamento dos critérios que definem o que é positivo e negativo na representação, para possibilitar, antes, um reconhecimento da historicidade da África, dos africanos e dos afro-descendentes. Um reconhecimento da historicidade implica, inclusive, em algum momento, tratar da participação de africanos na escravidão transatlântica, ativamente, e não como vítimas. Isso significa pensar a África como uma pluralidade heterogênea em toda a sua história. Isso significa reconhecer que o fenômeno da escravidão transatlântica, com todo o sofrimento histórico que encerra, é mais complexo do que qualquer narrativa maniqueísta possa

sugerir. Nesse sentido, pergunto: como usar imagens para tratar da escravidão e de fenômenos semelhantes?

**Denise Camargo: Tadeu Silva** [na sala de público]: Oi Lêda, "os Brasis" é muito legal!

**Francisco Chagas:** Tadeu, também achei oportuno o "Brasis" da Lêda.

**Ana Maria Schultze:** Lêda, acho que estamos já pensando na questão de Marcelo no público: que há muito de história que nós educadores não conhecemos ainda, não estudamos, e no entanto precisamos saber para tratar adequadamente no tema na escola.

**Francisco Chagas:** Sim Ana. A questão é o empoderamento (termo norte-americano, da época da luta pelos direitos civis, anos 50, 60), dos símbolos "Força Negra" (*Black Power*), é hoje muito usado nos movimentos negros (apesar de não gostar desse termo - por ser americano), mas essa Nova Alforria, que deveria ter vindo com a Lei Áurea, deve ser construída por todos nós. Não adianta apenas o governo, que corresponde também à voz do povo negro, com a institucionalização das nossas demandas (históricas). O exemplo é essa publicação citada anteriormente, talvez pela lei Rouanet? Fábio é por isso que temos que falar em empoderamento, pois só nos espaços de poder do que esperamos da Lei 10.639 e de outras políticas públicas, na correlação de forças, o fortalecimento do povo negro é que irá se efetivar.

**Ana Maria Schultze:** Então, teríamos como fontes possíveis para uso na escola tanto a imagem, inclusive a fotográfica, quanto o uso da tradição oral, fonte rica a ser explorada.

**Marcio dos Santos:** Acho interessante a questão de Marcelo. Os africanos não podem ser vistos como bonzinhos. Nenhum povo é feito de unidimensionalidade. Porém, os africanos em diáspora exigem uma reflexão diferente. Os europeus precisam ser mais contundentemente responsabilizados.

**Lêda Guimarães:** Ana, creio que jamais vamos conhecer tantas histórias, mas podemos operar por processos de desvelamentos por meio de investigações; atualmente venho trabalhando com a noção de ensino/arte no contexto de comunidade, e daí muitas histórias vão surgindo.

**Ana Maria Schultze: Ciça Veiga** [na sala de público] retoma algo que já debatemos acima: que o protagonismo infanto-juvenil pode ser um dos caminhos para a implantação da lei na escola: existem vários projetos hoje de instrumentalizar tecnicamente jovens e eles produzem seus vídeos com seus próprios olhares. Seria este um caminho melhor para a representação (no caso auto-representação) das realidades e assim atingir uma identificação com aquilo mostrado?

**Lêda Guimarães:** As diferenças não podem ser tomadas como totalidades. Num mesmo grupo cultural indivíduos terão sempre que lidar com outros indivíduos de diferentes subculturas...

**Ana Maria Schultze:** Perfeita, Lêda. Isto amarra com o que Márcio acabou de dizer: que há muitos envolvidos, em diferentes graus. Mas penso que ainda há aqueles cuja responsabilidade seja maior.

**Denise Camargo: Natalie Rios** [na sala de público], retoma questões relativas à publicidade. Esse tema foi debatido anteriormente, no debate Identidades. Informo que a transcrição completa de todos os debates estará disponível na Studim e no Portal Cultura e Pensamento a partir de dezembro.

**Denise Camargo: Tadeu Silva** [na sala de público]: A culpa da marginalidade é da supremacia branca que excluiu a diferença com a ajuda da arma de fogo. Esse o dado histórico. O enfrentamento e a superação é outra história.

**Denise Camargo:** Marcelo Ribeiro [na sala de público]: Quero colocar assim a questão das imagens "negativas" em outro sentido: como tratar através de imagens de fenômenos históricos de violência e dominação política e até mesmo biopolítica sobre grupos subalternos em geral? Isso implicaria repetir as imagens, que carregam em si a violência. A questão passa a ser então os discursos na imagem, sobre a imagem e em torno da imagem, como Ivaina Oliveira parece estar enfatizando. Mas dado que o uso das imagens implica então em parte a reiteração da violência, como transformar o valor significativo das imagens para um uso crítico, para empoderar o sujeito subalterno (pra resumir rapidamente)?

**Mauro Koury:** Eu estava lendo há pouco uma pequena comunicação sobre um projeto de museu para o bloco Afro Ilê Aiyê, produzida pelos professores Joseania Freitas e Marcelo Cunha da UFBA. Lá pelas tantas eles discutem o processo de formação do

museu como um espaço de memória e etnicidade e afirmam que a concepção de museu do projeto parte do princípio de que não se deve trabalhar somente a formação da identidade negra, mas entender o contexto plural, a diversidade cultural e étnica e, principalmente, trabalhar a questão da alteridade... para que o museu não se torne etnocêntrico, propõem um museu através da concepção de mundo plural através da consideração da dinâmica de construções e reconstruções das culturas negras em seus processos de resistência. O que seria para eles, um recurso didático para a formação de um discurso estético-político de construção e afirmação de uma identidade negra e suas diversas entradas na pluralidade do mundo. Achei a proposta interessante e um pouco vai no sentido das discussões que tem permeado as diversas mesas deste projeto e mais uma vez nessa mesa particular.

**Ana Maria Schultze:** Isto mesmo, Mauro.

**Carlos Subuhana:** As imagens produzidas pelos jovens pode ser um bom caminho para a própria representação, desde que os mesmos jovens recebam uma boa orientação.

**Lêda Guimarães:** A contribuição do Mauro nos leva ao debate de ontem. Acho muito boa essa proposta do museu para o bloco Ylê Aiyê, (re)significando os antigos espaços museológicos.

**Mauro Koury:** Pois é Lêda, nos leva ao debate de ontem, de anteontem e antes. Tem sido uma permanência essa questão neste seminário. O que parece ser uma questão que nos interessa e nos incomoda, no sentido de inquietar, a todos!

**Ana Maria Schultze:** Mauro, qual questão especificamente você se refere?

**Denise Camargo: Thais Miranda** [na sala de público]: é bom saber que há pessoas que estão lutando para mudar as imagens estereotipadas dos negros que muitas escolas ainda insistem em passar para seus alunos.

**Denise Camargo: Ernâni Getirana** [na sala de público]: É, Thais. Eu, pessoalmente, acredito muito em grupos de discussão que hoje já começam a habitar organicamente o espaço escolar.

**Ana Maria Schultze:** Vamos tentar resumir um pouco (novamente): então as imagens são fundamentais na escola, para trabalho com os jovens. As fontes podem ser diversas: orais e imagéticas. E o protagonismo um dos caminhos para se envolver os jovens. Além disto, temos que considerar que as identidades são múltiplas, diversas, os discursos polifônicos e ricos de uma grande nação, que não é totalmente conhecida.

**Carlos Subuhana:** Mauro, a proposta do museu é muito interessante. Isso se chama saber conviver com o diferente. Ou seja, igualdade na diferença.

**Mauro Koury:** Isso mesmo Carlos, a idéia do museu é promover uma releitura dos estereótipos e valorização da estética negra, como fenômeno educativo, que passa pelos movimentos sociais e suportam a criação de novos sujeitos (lembram os novos sujeitos de Eder Sader, no seu último livro antes de morrer?).

**Carlos Subuhana:** Prezado Mauro, qual é o título da obra de Sader?

**Ana Maria Schultze:** Também achei a proposta muito boa. Pedagogicamente, é muito atual, e considera várias coisas importantes.

**Ivaina Oliveira:** Mauro, como a Denise e a Lêda colocaram, a questão pode não se tratar da imagem e da representação nela, mas das oralidades, dos discursos e das narrativas.

**Ivaina Oliveira:** Ou seja temos que desenvolver um novo olhar que desconstrua o discurso vigente nessas imagens tanto as que contém violência quanto o preconceito, que também é um tipo de violência.

**Ana Maria Schultze: Fernando de Tacca** [na sala de público] questiona: A partir dos debates dos três últimos dias ficou claro que os grupos culturais podem ter mais acesso a produção de identidades visuais produzidas por imagens técnicas, fato possível com a migração industrial da fotografia e de todos os meios para o ambiente digital, ou seja, como todos "incluídos" visualmente como mercado e não como produção simbólica. O fato é que ainda pontos de encontros, ou os chamados 'nós' da hipertextualidade de redes sociais ainda não se estabeleceram como produção simbólica e contraponto dos meios hegemônicos. Vocês não acham que é necessária uma atuação mais forte para construir essas redes sociais? Redes sociais de produção

simbólicas não tornariam visíveis e reafirmariam identidades? Essa produção simbólica contra-hegemônica nos meios digitais está nas mãos dos jovens!

**Marcio dos Santos:** Mas Fernando, muitos jovens não tem grana para os equipamentos básicos..

**Ana Maria Schultze:** Fernando, você não acha que o papel está na mão dos jovens? Mas estes jovens são o futuro.. se não se prepararem desde já para esta futura produção simbólica, se não forem introduzidos a um protagonismo juvenil, terão mais dificuldades de produzir isto no futuro. No momento, as resistências estão em outras mãos, mas o papel dos jovens não pode ser esquecido.

**Lêda Guimarães:** Olha, não sei não, muitos jovens pobres têm celular com câmera e estão produzindo imagens...

**Ana Maria Schultze:** Marcio, mesmo que os jovens não tenham grana, a escola e instituições não-formais podem colaborar com isto.

**Adenor Gondim:** Estava participando de um seminário sobre Samba no Candomblé. Em especial Samba de Caboclo.

**Denise Camargo:** Boa noite Adenor Gondim. Obrigada por sua presença.

**Francisco Chagas:** Mojubá! Estive fora, um pouco.

**Denise Camargo:** Mojubá, Saravá, Colofé, Mucuiú ... que bom que voltou!

**Denise Camargo: Luana Medeiros** [na sala de público], pergunta o que é mojubá. Mojubá é uma palavra iorubá que é uma saudação, realizada em geral tomando-se a bênção de uma pessoa mais velha, mais experiente. Em geral também ao pronunciar essa expressão, coloca-se o ori (cabeça) no chão em sinal de respeito.

**Lêda Guimarães:** Conheço experiências de professores em escolas públicas que estão estimulando a produção de vídeos e pasmem, além dos diferentes papéis: diretores, atores, sempre existe um que faz a edição.

**Ana Maria Schultze:** Como resumiu **Tadeu Silva** [na sala de público]: antes da grana vem a informação!

**Marcio dos Santos:** Verdade, Ana, quanto às escolas. As imagens que os jovens têm produzido nos celulares não tem chegado a estes mesmos jovens...

**Denise Camargo: Heldergreb** [na sala de público]: não existe a possibilidade de limite da produção visual àqueles que detêm possibilidade financeira de se adentrar neste meio, elitizando-a?

**Ana Maria Schultze:** Heldergreb, volto ao debate: os meios tecnológicos atualmente não se restringem a uma elite. As escolas e ONGs já propiciam este protagonismo tecnológico que dê voz aos jovens.

**Lêda Guimarães:** Olha gente, a conversa agora está me provocando para falar da educação a distancia na qual estou envolvida.

**Ana Maria Schultze:** Lêda, esta também é minha praia atual, temos muito a debater sobre isto.

**Lêda Guimarães:** Mas acho que vou deixar para um próximo debate.

**Ivaina Oliveira:** Muito bem Lêda.

**Francisco Chagas:** Ana e Denise, falando no foco de hoje, na minha escola estou propondo uma intervenção no Projeto Político Pedagógico, pois, sabemos que enquanto a sociedade civil negra, as comunidades negras não participarem dessa construção, a Lei fica comprometida.

**Ana Maria Schultze:** PER-FEI-TO Chiquinho. Este é um dos grandes nós da escola: que a implantação da lei seja acolhida pelo projeto político pedagógico (PPP), e não que se restrinja a ações isoladas ou datadas (em novembro, por exemplo).

**Francisco Chagas:** Então Ana! Em um dos nossos momentos de educação popular, como arte-educadores, em todos os espaços possíveis, acho que formaremos cidadãos negros, nesse sentido de pressionar as escolas para participarem da elaboração do PPP, inclusive alertando para conceitos como: "currículo oculto", como instrumento de exclusão.

**Ana Maria Schultze:** Francisco, você tocou num ponto delicado: currículo oculto. Eu diria, Chiquinho, antes de tudo cidadãos.. em que negros e brancos fossem respeitados em sua individualidade, e a cultura de cada um valorizada...

**Ivaina Oliveira:** acho que as imagens chegam sim até os jovens, mesmo porque a maioria das escolas já possui computadores, máquinas fotográficas digitais e assim vai.

**Ana Maria Schultze: Marcelo Ribeiro** [na sala de público] pergunta: no sentido da construção de redes para circulação de produções simbólicas contra-hegemônicas, uma tecnologia que pode ser utilizada, inclusive em contexto escolar, são os mecanismos da internet como o YouTube, que permite a disseminação de vídeos muito além do alcance da televisão e de canais como a TVE. O que acham dessa possibilidade?

**Jorge Pupo:** Boa Noite a todos, está muito boa a contribuição de Mauro e outras reflexões, tais como a da oralidade que pode ser apresentada, porque não, como outra alternativa "imagética" de transmissão, conhecimento duma cultura. Referente a possibilidade dos próprios jovens criarem os materiais, poderia se unir forças em micro projetos paralelos que se divulguem e multipliquem aos poucos, como já existem alguns programas. Há um fotógrafo em São Paulo, por só citar um exemplo, que tem um projeto que leva às comunidades um trailer onde ensina fotografia básica e a confecção de uma câmera *pinhole*, que poderia ser feita desde uma lata de refrigerante até uma caixa de limpar sapatos... só idéias, alternativas e vontade. Poderia de repente ir originando palestras e/o intervenções de profissionais onde paulatinamente poder-se-ia inserir o conhecimento e estudo das diferentes visualidades, produção artística etc.

**Denise Camargo:** Uma visualidade "negra", Pupo? Haveria???? Peço a Paulo Rossi e Elza Lima que falem um pouco sobre a construção da visualidade.

**Ana Maria Schultze:** Isto mesmo, Pupo... uma educação estética, do olhar, uma leitura crítica, educação para os meios...

**Elza Lima:** Eu acredito não haver uma visualidade especificamente "negra" e sim uma possibilidade de registrar a diversidade das muitas culturas, acumulando novas experiências visuais.

**Ana Maria Schultze:** Elza, ontem debatemos isto um pouco.

**Denise Camargo:** Luana de Medeiros [na sala de público]: Excelente, Jorge Pupo. Já vi exposição do trabalho deste projeto com *pinhole* no METRÔ da linha lilás (de São Paulo), que faz o trajeto que inclui a estação Capão Redondo (!!!). Excelente pensar em recursos de baixa tecnologia e alto teor de beleza!!

**Ana Maria Schultze:** Isto mesmo, Luana. Sou a primeira a trabalhar com *pinhole* na escola. Digo, primeira não pioneira, mas uma das que logo aceita esta idéia...

**Denise Camargo:** Luana, aproveito para agradecer aqui suas inúmeras contribuições a este debate!

**Mauro Koury:** Eu conheço vários projetos que colocam nas mãos dos jovens câmeras e estimulam a produção de imagens de si próprios, dos seus grupos, dos seus pares, do seu cotidiano e dos outros. Em uma escola em um bairro popular da Mustardinha foi executado um projeto desse tipo com grande efeito no processo educativo escolar e da comunidade no entorno. E têm se repetido em vários outros bairros da cidade. No de casa amarela, por exemplo, já existe um arquivo sobre a história do bairro feito por estudantes e depois pelos moradores. Nesse projeto, iniciado a partir de fotografias de um grupo de jovens de uma escola municipal local, partiu-se para a criação de um pensar a história do bairro, hoje constituída inclusive com imagens feitas pelos próprios moradores. Reconstituindo a memória e luta organizativa local.

**Ana Maria Schultze:** Marcelo, concordo totalmente. Eu sempre dei aula em escolas públicas pobres.. na falta de câmeras fotográficas, construímos câmeras com latas de leite... toda tecnologia é válida.

**Mauro Koury:** Estou falando da cidade do Recife, Pernambuco.

**Ana Maria Schultze:** PERFEITO, Mauro!! Questão importante de **Juliana** [na sala de público]: é, mas como as imagens chegam aos jovens?

**Lêda Guimarães:** Tenho desenvolvido projetos onde costumamos perguntar: quais são as iconografias presentes no meio urbano? Quem produz as imagens que de forma recorrente estão expostas publicamente? A quem e a que servem estas imagens?

Como interagimos (ou não) com as diferentes visualidades? Como podemos trazê-las para o contexto do ensino de artes visuais?

**Ana Maria Schultze:** Juliana, penso que voltamos à educação para as mídias que o professor Fernando falou acima, além de todos nós: COMO as imagens chegam aos jovens? Que imagens são estas que chegam aos jovens? Estas preconceituosas que já falamos? Que leitura(s) fazem estes jovens? Quais as intencionalidades envolvidas? E complemento: qual o papel do professor nesta formação crítica da criança e do jovem e como propositor de protagonismos infanto-juvenis?

**Denise Camargo: Raissa** [na sala de público]: por isso acho fundamental, emendando na questão colocada pela Juliana e que foi complementado, estes debates anteriores (africanidades, identidades, interterritorialidades). Porque tudo serve de arcabouço teórico para se pensar como se passam estas imagens e como são recebidas, enfim questões estas colocadas até então.

**Carlos Subuhana:** Se as imagens preconceituosas chegam aos jovens a culpa não é deles. É dos que as veiculam. Quantas imagens preconceituosas são veiculadas sobre o continente africano? Por outro lado, essas imagens dão ibope, vendem mais.

**Ana Maria Schultze:** Carlos, ótimo ponto. Acho até que as imagens têm que entrar, mas acompanhadas de uma leitura crítica. Como disse Ivaina: verificando quais os discursos que as acompanham.

**Lêda Guimarães:** assim, descobrimos imagens produzidas por pintores de parede, por grafiteiros, por outros, imagens que são potencialidades pedagogicamente como fonte de conhecimento e vão para a escola em forma de projetos, propondo interações antes desconhecidas, provocando novos olhares, aqui falamos de recepção, mas provocando também ampliação de repertório de produção imagética.

**Ana Maria Schultze:** Ótimo, Lêda, suas indagações batem com as minhas.

**Denise Camargo:** Pupo, temos uma questão da Luana, no público, que talvez você possa nos auxiliar a discutir: dentro disso, volto a pensar que a arte vai mesmo ser nossa grande aliada, e lembrando uma questão já colocada, a arte pictórica também pode ajudar numa (des)banalização da relação com a imagem: é "estática", mas podemos então focar o trabalho na dinâmica da construção de sentidos. É sintética,



**Mauro Koury:** Seria interessante pensar a idéia de experiência abstrata que está por trás da recepção de imagens midiáticas e do processo de espetacularização do cotidiano e de processos sociais, culturais e étnicos na nossa sociedade.

**Elza Lima:** Queridos, infelizmente tenho um compromisso daqui a pouco e precisarei me despedir, mas quero agradecer a oportunidade e me colocar à disposição para futuras conversas. Espero que tenha contribuído de alguma forma para o debate. Abraços a todos e boa noite!

**Denise Camargo:** Elza, muito obrigada por sua presença.

**Ana Maria Schultze:** Elza, grande prazer tê-la conosco, ficamos muito honradas. Esperamos poder debater mais no futuro. Um grande abraço.

**Jorge Pupo:** Visualidade "negra" acho que não é fundamental, senão uma visualidade ciente e com recursos de linguagem não redundantes e estereotipados tanto a favor ou contra. É complicado, pois estamos condicionados com muitas coisas de formação de base. A fotografia em qualquer uma de suas variantes pode e vai contribuir a isto, mas de novo, são necessárias releituras do imaginário sem perder a essência.

**Paulo Rossi:** "Gente das cercanias, moradores dos subúrbios da história, nós, latino-americanos, somos os comensais não convidados que se enfileiram à porta dos fundos do Ocidente, os intrusos que chegam à função da modernidade quando as luzes já estão quase apagadas – chegamos atrasados em todos os lugares, nascemos quando já era tarde na história, também não temos um passado ou, se o temos, cuspiamos sobre os seus restos." (Octavio Paz). Já sabemos que somos periferia, que nos comportamos como tal e que somos tratados como tal. Já sabemos também que muitíssimas vezes os negros são vistos ou tratados imagetivamente pelos estereótipos. As denúncias e reflexões a esse respeito existem. Minha pergunta é: como então trabalhar essas imagens na educação de forma renovadora ou mesmo revolucionária sem insistir apenas no que vem sendo dito? É preciso repensar as estratégias, saber o que fazer com as imagens sem cair apenas no denunciamento.

**Francisco Chagas:** Então!!! É aquela coisa, que já se disse aqui, sobre a questão das imagens, por exemplo, de como são trabalhadas, enfim. O aluno traz o mundo dele, as imagens imaginárias, imagens no celular, chega a ver imagens nos murais, pichações nos banheiros etc. Daí o professor abre aquele livro de uma página sobre o negro

vindo e o negro aqui (naquele tempo) - sobre África nada -, daí vem aquelas dramatizações de conteúdo reproduzindo a mesma coisa (estou falando da educação básica e fundamental). Como fica esse aluno que, imagetivamente, já está alienado? Construído pelo ocidente? Se não "instalarmos" nesse cenário a Africanidade?

**Marcio dos Santos:** Seria bárbaro se os grandes canais abertos brasileiros estimulassem a produção e a veiculação de imagens positivas e contextualizadas de negros feitas por eles próprios. Tal ferramenta auxiliaria na auto-percepção que muitos jovens negros têm de si e de muito s jovens de outros grupos raciais.

**Ana Maria Schultze:** Márcio, seria bom mesmo. No fim, acabam-se configurando espaços de resistência e expressão, como a própria cultura hip-hop dos jovens, por exemplo.

**Mauro Koury:** Márcio, existe uma possibilidade nas TVs educativas: um projeto de documentação do cotidiano a partir das próprias comunidades. Tem sido patrocinado pela Volkswagen alemã estimulando videoastas a usarem o seu saber técnico na instrumentação e uso de comunidades. Como também tem sido feito, com bastante sucesso nos projetos do CTI - Centro de Tecnologia Indigenista nas tribos do alto Xingu. Experiência e tanto, tanto no que diz respeito à memória quanto na questão da dignidade étnica.

**Ana Maria Schultze:** Mauro: bom saber deste projeto.

**Lêda Guimarães:** Acredito que as imagens (de diversas fontes) são construídas por nós com os sentidos, e nessa construção temos o carregamento (sic) de sentidos de pertença (ser negro ou não ser, ser mulher, ser nordestino ou de outro lugar, ser brasileira...) etc., mas são construções, e claro que vou potencializá-las no sentido no qual acredito ser necessário para desconstruções ideológicas... como no exemplo que o Francisco acaba de citar quando pede a aluno para observar outdoors.

**Ana Maria Schultze: Adenor Gondim** [na sala de público]: Sentindo necessidade do movimento e do som, me aproximei da TV - Ufba para entender os processos de produção, edição e outros. Essa proximidade permitiu que eu sugerisse uma série de documentários sobre o universo afro-descendente : Olga de Alaketo, Bembe de Santo Amaro, Presente para Dandalunda na Lagoa do Abaeté, Presente das Águas no Rio Paraguassu em Cachoeira, Festa de Iemanjá no Rio Vermelho (em Salvador),

Amoreiras e Ponta de Areia, ambas na Ilha de Itaparica. Em seguida elaboramos um projeto "Nós Transatlântico", nós nos dois sentidos: eu, tu, ele e Nós de Nós. O que pretendemos com esse projeto? Um portal onde serão disponibilizados todos esses documentários, depoimentos das mais diversas áreas, religião de matriz africana e sua diversidade, música, costumes, literatura, bibliografia .....

**Francisco Chagas:** Falar em imagem e invisibilidade ou visibilidade distorcida, quando ando pela cidade próximo à escola e que tem algum aluno por perto, peço pra ele observar os outdoors, procurando negro incluído.

**Ivaina Oliveira:** Francisco você não acha que não se trata de novas produções didáticas, incluindo-se o livro? Com imagens e discursos que tragam essa africanidade para os alunos?

**Denise Camargo: Itamar Alves:** Como podemos trabalhar com nossos alunos as imagens expostas no Museu Afro, no Ibirapuera (em São Paulo), quando o monitor fala sobre Bumba Meu Boi e acaba passando informações totalmente equivocadas, as quais nós que vivemos na região sabemos que não são reais? Quais delas, nós professores aqui da capital paulista, que não temos, na grande maioria das vezes, a possibilidade de saber a 'verdade' já que o que nos chega é o que está em poucos CDs/DVDs (que na maior parte das vezes não traduzem a realidade), e em folhetos de propaganda do governo? Como o professor, (aquele que está trabalhando na maior parte das vezes em dois turnos para poder sobreviver) poderá ter tais informações e trabalhar corretamente este tema, sem ser apenas na festa do dia do folclore?

**Paulo Rossi:** Denise, acredito sim que haja várias visualidades sobre o negro, da mais negativa à mais positiva. Minha preocupação vai no mesmo sentido do que disse na mensagem que você colocou há pouco no ar: como trabalhar esta visualidade fugindo um pouco – e não abandonando de vez - do denunciamento ou do enaltecimento gratuito?

**Lêda Guimarães:** Fazendo uma leitura caótica das contribuições postadas neste debate, penso que estamos perguntando e respondendo ao mesmo tempo esse "como fazer".

**Ivaina Oliveira:** Concordo com Lêda.

**Ana Maria Schultze:** Lêda, isto mesmo: neste momento estamos debatendo como a imagem entra na escola, e pensando juntos que imagem é esta? Negativa ou positiva? Que leituras os alunos fazem dela?

**Denise Camargo:** Pupo, temos aí na fala de Paulo Rossi, uma questão importante, não? Paulo Rossi poderia nos relatar um pouco sua experiência no ensino superior de fotografia? Conseguimos fazer nossos alunos compreender isso?

**Paulo Rossi:** Denise, acho que os frutos de nosso trabalho no ensino superior de fotografia tem surgido já há algum tempo. Muitos alunos e ex-alunos estão envolvidos em projetos de educação visual junto como o João Kulcsár ou com o Ricardo Hantzschel. Também temos trabalhado no sentido de se ler mais criticamente as imagens e interpretar de maneira mais crítica o que vem sendo discutido até hoje na história da fotografia, espero que este esforço que fazemos traga resultados, acho que já estamos tendo.

**Jorge Pupo:** Agora, acho que tanto para esses jovens quanto para os profissionais é muito importante a implementação do conhecimento da história, da sua e a dos outros, para assim estarem mais bem preparados para ter uma visão do presente e não existir lacunas de conhecimento que nos levem a erros tão grandes, ou melhor, uma amnésia consciente, onde por exemplo consigamos aceitar que a Coca-Cola seja o patrocinador oficial duma celebração tão importante e significativa como é o Dia da Consciência Negra, este e outros assuntos... seu desconhecimento pode nos levar a continuar levando esta imagética por um caminho errado.

**Francisco Chagas:** Aqui vai uma proposta, a título de contribuição para a didática: que tal fazermos uma aula de formatação de projeto, nas linhas de fomento para ações afirmativas, como o "Projeto Griot" que valoriza a oralidade e visa a preservação do patrimônio imaterial, no Programa DOC-TV? Poderemos fomentar produções audiovisuais com a temática do racismo, das ações públicas, dos movimentos, etnografias de quilombolas, de terreiros, enfim.

**Ivaina Oliveira:** Vejo que parece haver muitas possibilidades mas também muitas dúvidas quanto a elas e como colocá-las em prática.

**Lêda Guimarães:** As produções didáticas, sejam elas de livros, CD-ROM ou vídeos, passam muitas vezes por crivos ideológicos... mas também existem muitas (que talvez

não circulem da mesma forma), que propõem outros olhares, procuram problematizar esses estereótipos. Sabemos que a imagem tem entrado de forma mais negativa do que positiva. Pensemos em quantos professores negros os meus alunos da universidade têm? Nenhum na faculdade de artes visuais. Podemos repetir a pergunta para as escolas. Mas... sabemos também, e esse grupo aqui é prova disso, que tem muita gente "desafinando o coro dos contentes".

**Paulo Rossi:** Sobre o ensino do *pinhole* ou de qualquer outra técnica fotográfica nos processos de educação visual, pelo contato que tenho com vários desses projetos e de pessoas que se envolvem com eles tenho a impressão de que ainda lhes falta uma clareza sobre o porquê dessas atividades. E ainda, o que fazer depois que as atividades terminam. Como jovens da periferia poderão dar continuidade nesses trabalhos? É preciso ir além desse passo inicial, temos que pensar mais estrategicamente para que o trabalho não morra na praia.

**Ana Maria Schultze:** Vamos então amarrar mais algumas coisas. Temos bons projetos de protagonismo infanto-juvenil, que utilizam tanto alta tecnologia quanto baixa (entendidas com mais complexas ou simples). Que a imagem entra na escola, mas que imagem é esta? Reforça clichês? Os educadores e alunos conhecem o suficiente da história africana para compreender os desdobramentos dela aqui no Brasil? Permitem-se múltiplas leituras da imagem que entra na escola, ou ainda somos atrelados a cânones estéticos dominantes?

**Ivaina Oliveira:** Vejo também que pontuamos o uso das imagens, os processos simbólicos, as oralidades, os discursos, os olhares, as narrativas, mas como trabalhar com esses conceitos de forma a dar visibilidade ao negro, utilizando-se ainda de imagens mesmo caricaturadas ou não?

**Ana Maria Schultze:** Boa lembrança, Ivaina, não coloquei isto no resumo, obrigada.

**Lêda Guimarães:** Concordo Paulo, e daí entra um tema meio tabu (pelo menos no ensino de artes) que é a questão da profissionalização, da relação arte e trabalho etc.

**Francisco Chagas:** Sim, Ivaina, mas o que estou propondo é que se a comunidade não participar, conscientemente, fortalecendo a "Escola" - educadores comprometidos, fica difícil, inclusive para as boas produções didáticas, pois o Muro do Racismo Velado nas escolas são mais altos que os muros de concreto.

**Ana Maria Schultze:** Paulo, concordo, senão fica apenas a técnica pela técnica e não o que ela permite. A técnica é apenas o meio, o que importa é o que é feito com isto e como, e como continua depois.

**Jorge Pupo:** Paulo, o problema é se pensar e "desprender", quero dizer ao pensar ou fazer um projeto do tipo, vê-lo como um projeto das comunidades, não nosso, não sei se compreende a observação, incentivar neste sentido e ativar a rede de contatos que a gente possui que possa levar estes materiais a serem apoiados pelas leis de incentivo e outras opções que fazem com que o que eles fazem veja a luz, não só em espaços alternativos.

**Paulo Rossi:** Concordo com você Jorge Pupo, acho que este é o caminho, descobrir formas de garantir uma continuidade por parte desses jovens.

**Lêda Guimarães:** Para mim, a noção de comunidade (também ampliada) como fonte de conhecimento pedagógico e como fonte de resistência, é um canal de pedagogia crítica, não a dos livros, mas a do dia-a-dia.

**Mauro Koury:** Gente, vamos deixar de ser pessimistas. Se olharmos o processo educativo no interior dos estados, saindo das capitais, vemos coisas incríveis acontecendo. Eu tive o prazer de participar de um curso de reciclagem para professores do primeiro e segundo graus no alto sertão de Pernambuco e depois estendido para o sertão da Bahia, Paraíba, Sergipe e Alagoas e me deparei com processos belíssimos de releituras do cotidiano, vivenciados pelos alunos, professores e suas comunidades a partir de utilização de recursos os mais diversos possíveis. Pequenos laboratórios mantidos pelos próprios professores com a ajuda da comunidade local colocavam em discussão a experiência do dia-a-dia, desde o trabalho dos grupos étnicos e a própria reflexão do mundo (via TV) através de uma simbolização dos seus próprios mundos. Fiquei maravilhado com o que pude enxergar. Valeria a pena irmos atrás...

**Ana Maria Schultze:** Ou seja, ações ainda isoladas, mas que já começam a render frutos.. que extrapolam a técnica pura... e que através do protagonismo levam os jovens a se reconhecer e expressar...

**Jorge Pupo:** Pode garantir, Ana Maria.

**Denise Camargo: Marcelo Ribeiro** [na sala de público]: Participo em Florianópolis, onde moro, de um projeto que pretende ajudar na implementação da lei 10639/2003 através do uso de filmes: a Malembe Malembe – Mostra de Cinema Africano, cuja primeira edição ocorreu em outubro último e que agora percorre escolas públicas da Grande Florianópolis. A partir desse exemplo, sugiro colocar na agenda das discussões, além do protagonismo infanto-juvenil e da produção de imagens pelos afro-descendentes, a questão do uso de filmes africanos para tratar da história do continente e de sua diáspora.

**Lêda Guimarães:** Paulo, também sinto assim, começo a ver ações diferenciadas de ex-alunos e alunas, rompendo fronteiras, trabalhando com imagens de forma provocadora, questionando o que está posto, propondo projetos.

**Denise Camargo: Murilo Campanha** [na sala de público]: penso ser esse debate também interessante para uma auto-crítica da formação universitária, onde a especificidade pode levar apenas a um trabalho artístico, de pouco caráter político-educacional.

**Ivaina Oliveira:** Vejamos pelo seguinte exemplo: 'o pão partido na mesa de casa, tem um simbolismo...o pão partido na missa, simboliza o corpo de cristo' (Stuart Hall apud McLaren). Vejo nisso uma questão ritualística, que envolve uma comunidade externa às igrejas e que de algum modo funciona para a propagação e assimilação desse simbolismo. Será que esse envolvimento da comunidade nas escolas deveria passar também por ritos que promovessem simbolizações?

**Denise Camargo: Luana de Medeiros** [na sala de público]: concordo com Murilo e acrescento: se formos a fundo nas contribuições que as Africanidades podem trazer para a educação, a reflexão nos leva à valorização não só do conhecimento, mas da sabedoria.

**Mauro Koury:** O próprio ato educativo, Ivaina, é um processo ritual sofisticado e promove simbolizações tanto quanto ajuda a afirmar tradições e ampliar novas e dinâmicas formas de se olhar e viver o mundo!!!! Viver é simbolizar!

**Ana Maria Schultze:** Muito bom, Mauro!

**Francisco Chagas:** Encerro propondo que sejam disponibilizados os e-mails de todos os debatedores e dos interlocutores do público que se interessarem e, sobretudo, das nossas queridas editoras, Ana e Denise, além de Fernando, para em rede não só aprofundarmos essas discussões mas darmos sentido a uma construção coletiva, articulando assuntos afins.

**Carlos Subuhana:** Ana Maria Schultze com a Lei muitos, com pouca leitura, acham que conhecem o suficiente da história da África. Os cânones estéticos continuam dominantes. Já que o ponto de partida está dado, vamos torcer que as coisas mudem.

**Denise Camargo:** Sandra Koutsoukos [na sala de público]: O assunto de hoje me fez lembrar de um livro fantástico de Deborah Willis e Carla Williams: *The black female body. A photographic history*, no qual elas analisam desde os desenhos feitos da *Venus de Hottentot* (mostrada na galeria de ontem) até uma série atual dos quadris desnudos da própria Carla Williams - autora e fotógrafa. Tem muita foto do século XIX, XX e muita foto atual, linda, mostrando o corpo da mulher negra trabalhadora, sensual, grávida, mãe etc. Tem também uma série fantástica de auto-retratos da fotógrafa Ming Smith Murray, na qual ela se fotografa pelo espelho, amamentando o filho pequeno e, depois, nua com o filho.

**Ana Maria Schultze:** Carlos Subuhana: PERFEITO! E nos propusemos a contribuir com isto, ao propor esta mesa.

**Denise Camargo:** Adenor Gondim: esse projeto tem como "assessora-mór" a professora doutora em História, filha-de-santo de uma família de Cecília do Ogunjá - autora do livro *A Mulher negra no século XIX* lançado recentemente em Salvador. Nesse contexto sou fotógrafo e um misto de produtor, diretor de fotografia, que articula e abre caminhos... O projeto está em vias de aprovação. Mas já estamos devagar e sempre desde junho de 2006.

Denise Camargo: **Mônica Mantuano** [na sala de público]: Em relação à colocação de Paulo Rossi, expor esse material não seria uma possibilidade de dar continuidade a esse trabalho?

**Jorge Pupo:** Seria fundamental, Mônica, aí entra um pouco nossa função de orientar por onde vai a corrente das águas.

**Marcio dos Santos:** Gente, valeu pelo debate. Preciso ir. O debate foi super-enriquecedor para mim. Obrigado a todos.

**Lêda Guimarães:** Que beleza, volto a idéia de Brasis nesse final de debate, olha só quantos caminhos, quantas possibilidades.

**Francisco Chagas:** Ana, Denise e demais, aqui em Rondônia temos um grande festival de Cinema - "Cine Amazônia", e nesse projeto tem uma parte estrutural que se chama: "Cinema nos Terreiros", daí vão ao terreiro e passam filmes de produtores, ou atores e atrizes protagonistas negros. Ao final abre-se uma discussão. Falando ainda em algumas das ações interessantes, na minha terra a Prefeitura, em sua Secretaria de Regularização Fundiária - SEMUR, vem regulamentando os terreiros, gratuitamente, facilitando e, em casos de terrenos pequenos, doado um outro. Informo que essa questão fundiária, de falta de títulos, aqui é coisa de louco, pela forma que Porto Velho foi povoada.

**Carlos Subuhana:** Professora Denise, a Casa das Áfricas disponibiliza filmes africanos, muitos deles de cineastas africanos para eventos. Eis o site: [www.casadasafricas.org.br](http://www.casadasafricas.org.br)

**Ana Maria Schultze:** Resumindo, finalizando esta plenária: penso que plantamos muitas sementinhas ao longo desta semana, que germinarão no futuro. Só começamos este debate.

**Mauro Koury:** Gente, eu me despeço com uma pequena propaganda: vejam a RBSE - Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, editada pelo meu grupo de pesquisa no site <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>. Convido vocês a enviarem contribuições para os números de 2008. Abraços!!

**Lêda Guimarães:** Gostaria de terminar com uma fala do Certeau: a cultura 'comum' das pessoas comuns, isto é, uma cultura que se fabrica no cotidiano, nas atividades ao mesmo tempo banais e renovadas a cada dia. A criatividade popular não desapareceu, mas não está necessariamente onde a buscamos, nas produções perceptíveis e claramente identificáveis. Ela é multiforme e disseminada; ela foge por mil caminhos. Certeau (1980)

**Ana Maria Schultze:** Temos ciência de que não conseguimos abarcar tudo aqui, mas despertar idéias e vontades. De continuar este debate. Algumas sugestões já surgiram ontem, e seguramente daremos continuidade a isto.

**Denise Camargo: Luana de Medeiros** [na sala e público] ainda completa: para compartilhar na conclusão: em encontro no Itaú Cultural, no evento "Te dou minha palavra - Cultura oral e educação" Luís Carlos dos Santos lembrou que temos uma vivência incorporada da matriz africana, e a lei SÓ TRAZ ISSO À TONA. Então precisamos mesmo perceber, reviver, revitalizar e dar-mo-nos contas dessas influências no nosso dia-a-dia.

**Carlos Subuhana:** Aos idealizadores do debate, meus sinceros agradecimentos pelo convite.

**Ana Maria Schultze: Fernando de Tacca** [na sala de público]: em nome da Revista Studium parabeno a todos participantes e à proposta inovadora que o edital Cultura e Pensamento nos propiciou para uma ousada e complexa organização desse processo, e nesse sentido, parabeno as editoras dessa proposta, Denise Camargo e Ana Maria Schultze, e quero agradecer a todos da Studium que fizeram isso possível, especialmente a Daniel Roseno e a Lygia Nery.

**Mauro Koury:** Denise, Ana Maria, Fernando mais uma vez obrigado pelo convite para participação nesse 'Cultura e Pensamento'. Valeu demais! Obrigado a todos os que trocaram comigo nestes dias, aprendi bastante. Beijos no coração.

**Lêda Guimarães:** Obrigada às meninas produtoras desse eventos, desejo que os caminhos desse grupo envolvido nesse debate se cruzem e entrecruzem, formem redes, pensamentos sinérgicos.

**Ivaina Oliveira:** Fico muito grata pela participação e também espero que este seja uma sementinha que irá com certeza produzir frutos. Agradeço especialmente a Ana e Denise e parabeno pela iniciativa.

**Ana Maria Schultze:** De minha parte, agradeço e mando beijos a:

Carlos Subuhana, Jorge Pupo, prof. Chiquinho, Lêda, Ivaina, Sandra no público. Marcelo do público que muito contribuiu; Luana do público.

Alunos de midialogia. Beijo ao professor Paulo Rossi. Ao Adenor Gondim...

**Lêda Guimarães:** Beijos e muito axé a todos e todas.

**Ana Maria Schultze:** Luana de Medeiros: Educação da sensibilidade, descolonização do imaginário, valorização da oralidade como forma de elaboração e transmissão dos conteúdos, pluralidade e polifonia, SABEDORIA... palavras-chave que abrem muitas portas pra esse nosso (re)começo.

**Francisco Chagas:** Lêda! Você me inspirou a falar de Bakhtin: que o sujeito é inventivo, e, parafraseando uma amiga, minha professora Celeste, eu diria que o negro, que sempre foi e é sujeito em todas dimensões e nuances da sociedade, é mais inventivo ainda.

**Paulo Rossi:** Agradeço a oportunidade de ter participado deste interessantíssimo evento. Parabéns para todos os organizadores e, claro, para todos aqueles que participaram destes debates, é assim que devemos caminhar: trocando!

**Ana Maria Schultze:** Relembro a todos: nosso e-mail do projeto permanece aberto: [africanidadesdobrasil@gmail.com](mailto:africanidadesdobrasil@gmail.com).

**Denise Camargo: Luana de Medeiros:** Grande beijo e muita gratidão, estou muito feliz de ter participado disto que certamente é um encontro muito especial. Ana, Denise, parabéns! Muito afáveis e competentes - senti-me "em casa". Foi uma honra e alegria sem fim poder ler/ouvir os debatedores aqui presentes, a maioria dos quais estou começando a conhecer mas que já era possível saber serem fenomenais - pelas trajetórias, trabalhos e contribuições/postura nos debates.

**Denise Camargo:** Também nos sentimos literalmente em casa, acolhidos por todos vocês!

**Francisco Chagas:** Boa noite a todos e todas, e em especial a Ana e Denise.

**Jorge Pupo:** Obrigado, Denise.

**Ana Maria Schultze:** Boa noite a todos, por favor continuem acompanhando o projeto por meio do portal do Programa Cultura e Pensamento.

**Denise Camargo:** Chiquinho, nossa grande aquisição neste debate: modupé!!!!!!  
Pupo, grande encontro, o nosso. Modupé. Eu agradeço!

**Jorge Pupo:** Ana Maria, Fernando, a equipe da Studium, todos os que contribuíram com este importante debate, OBRIGADO!

**Denise Camargo:** Mônica Mantuano: Denise e Ana, mais uma vez meus parabéns pela iniciativa!

**Ana Maria Schultze:** Novamente, obrigada a todos e muito boa noite!

**Mauro Koury:** Estou saindo da sala. Boa noite e obrigadão!

**Carlos Subuhana:** "Quando atravessas um rio podes ser atacado por um crocodilo, mas não te deixes morder pelos peixes" (Provérbio Africano).

**Francisco Chagas:** Denise um beijo de Olorum!!! Axé!

**Denise Camargo:** Carlos Subuhana, foi um privilégio estar com você nesta conversa. Vamos continuar, certamente.

**Carlos Subuhana:** Eu é que aprendi muito. Khanimambo!

**Denise Camargo:** Mo du pé! Eu agradeço!

**Denise Camargo:** Rafael Sanzio, que está na Bélgica realizando seu pós-doutoramento, nos diz: "É importante agradecer... Muito obrigado ao continente Africano, à África Brasileira, aos Quilombos, aos Orixás, aos Pretos Velhos, à Bija e às crianças, a Denise Camargo e à equipe deste importante debate pela oportunidade".

**Denise Camargo:** Então, começo minha longa lista de agradecimento.

**Denise Camargo:** Agradeço às moderadoras Yta Alves e Márcia Borges pelo luxuoso auxílio nos bastidores deste debate.

**Denise Camargo:** Agradeço a Maurício Falavigna, pelos textos das resenhas e revisões. Agradeço a Maria Elena Ortiz Assumpção, pela tradução dos textos e pela presença na sala de público durante toda a semana.

**Denise Camargo:** Agradeço a Fernando de Tacca e à equipe da Studium, pelo espaço.

**Denise Camargo:** Agradeço a todos os debatedores, convidados e público presente pela enorme contribuição ao desenvolvimento das idéias e propostas partilhadas aqui.

**Denise Camargo:** Agradeço à Ana Maria Schultze por (absolutamente!!!!) tudo e pela competência com que conduziu todos os desafios que enfrentamos juntas, sem a qual a concepção e realização deste projeto não seria possível.

**Denise Camargo:** Agradeço aos debatedores, convidados, consultores e articulistas que estiveram conosco neste projeto: Alejandro Castellanos (Centro de La Imagen, México), Aline Mendes Lima (PUC Rio Grande do Sul), André Vilaron (Brasília), Boris Kossoy (USP), Carlos Subuhana (USP), Carmen Rial (UFSC), Caroline Vieira Sant'Anna (Universidade Federal da Bahia), Edna de Mello Silva (Universidade do Tocantins); Elza Lima (PA), Francisca Michelon (Universidade Federal de Pelotas); Ivaina de Fátima Oliveira (Universidade Estadual de Goiás); Laura Guimarães (Universidade Federal de Minas Gerais), Lêda Guimarães (PUC-Minas Gerais); Jérôme Souty (École des Hautes Études en Sciences Sociales), Jorge Luiz Álvarez Pupo (SP/Cuba), Kim-ir-sen Pires Leal (GO), Luiz Eduardo Achutti (UFRGS), Marcelo Bernardo da Cunha (UFBA e Museu Afro da Bahia), Marcio André dos Santos (PUC Rio de Janeiro); Maria Helena P. Toledo Machado (USP), Mauro Guilherme Koury (UFPB), Paulo Bernardo Vaz (UFMG), Paulo José Rossi (USP), Rafael Sanzio dos Anjos (UNB), Reginaldo Prandi (USP), Francisco das Chagas Silva (Fundação Iaripuna), Sandra Koutsoukos (Unicamp), Sílvia Perez Fernandes (UBA, Argentina).

**Denise Camargo:** Agradeço aos amigos, Fernando Fogliano (SCIARTS e Grupo de Pesquisa da Imagem Contemporânea), Fredyson Cunha, Giovani Ferreira, Paulo Rossi e Sayonara Pereira, pela divertida noite de sábado que passamos testando o funcionamento da sala de debates.

**Denise Camargo:** Finalmente agradeço à Petrobras, pelo patrocínio, e ao Programa Cultura e Pensamento, pelo apoio. Nehle, Ricardo, Fabrício, Scheilla e Rafael, um abraço a vocês!

**Ana Maria Schultze:** Finalizo com a fala de **Luana de Medeiros** [na sala de público] que cita a bênção de uma contadora de estórias, algo muito inspirador pra todos nós:

"Que a água seja refrescante. Que o caminho seja suave. Que a casa seja hospitaleira. Que o mensageiro conduza em paz nossa palavra." (extraído de uma oração iorubá).